

Estou há mais de quinze minutos a olhar para uma página em branco de Word sem saber como começar este texto, ou sequer como desenvolvê-lo – afinal, são milhentas as memórias e as emoções que convosco poderia partilhar, inúmeras as lições e ensinamentos com que da Laura Ayres parti e ainda mais as saudades e o carinho que me tocam o peito quando penso em tudo o que nela vivi, de maneira a que tudo o que possa escrever será pouco – pouquíssimo – para vos dar uma ideia clara do que é viver a Laura Ayres.

Sendo sincera, pensei tingir as minhas palavras de cor-de-rosa, perfumá-las com água de rosa e embrulhá-las em papel de rebuçado - falar-vos do quão maravilhosos foram os quatro anos nos quais a ESLA me recebeu, dizer-vos que a minha experiência de secundário foi perfeita e que tudo se alinou nos seus eixos sem o mais mínimo esforço da minha parte -, mas estaria a mentir-vos.

O secundário não foi fácil para mim – o secundário *não é fácil*.

Entre lutar para uma boa média para a entrada na universidade e decidir – sem sequer saber do que realmente gostamos – o que queremos fazer para o resto da vida, tentar descobrir quem são aqueles que verdadeiramente nos querem bem e distingui-los daqueles que nos querem bem apenas para que lhes possamos fazer bem a eles, criar e fortificar a nossa própria identidade e tentar não nos deixar corromper pelas expectativas e planos de terceiros, e ainda fingir um sorriso bem-disposto quando alguém mais velho nos fala das saudades que estes tempos nos vão deixar – tudo isto associado ao enorme e, a meu ver, demasiado subestimado poder das “hormonas aos saltos” – o secundário é, na realidade, um esgotamento nervoso à espera de acontecer. *Okay*, talvez eu esteja a dramatizar um pouco – mas vocês percebem o que quero dizer.

Posso falar-vos, por exemplo, do quão frustrante foram para mim as disciplinas de Matemática e Física e Química, de como parecia que, por mais que me esforçasse e trabalhasse, estava destinada a ter resultados fracos. De como o meu corpo e as minhas capacidades falhavam em acompanhar a minha vontade de não ser uma nódoa completa a Educação Física. De como quase me faltava o ar por não perceber como era suposto ter tempo para estudar entre as aulas, os apoios, o clube do livro, o Parlamento dos Jovens, o Páginas de Cidadania, as reuniões da Comissão de Autoavaliação do Agrupamento, o Interact, o EVA e ocasionais afazeres enquanto delegada de turma. É suposto que, com isto tudo, eu vos diga que foram os tempos mais felizes da minha vida? Não foram.

Mas poderei também dizer que não fui de todo feliz? Claro que não. Se por um lado tive dificuldades a certas disciplinas, tive professores que me motivaram a não desistir, a lutar e a ir mais além, a não baixar os braços ou a cabeça perante pequenas derrotas, que acreditaram em mim e viram em mim algo mais que apenas mais um nome numa pauta, mais uma cadeira ocupada numa sala de aula, mais um número das estatísticas nacionais. Se por um lado se tornou claro que sou uma grande desastrada e que, para segurança de toda a gente em meu redor, devo evitar qualquer modalidade desportiva, também aprendi a aceitar que não sou perfeita, e que não há mal nenhum em falhar. Se por um lado o *stress* de o dia ter apenas vinte e quatro horas quase levou a melhor de mim, por outro, todos os projetos em que me envolvi não só me ajudaram a desenvolver competências que jamais adquiriria de outra maneira e a expandir-me, a tornar-me uma pessoa mais completa, como também me ensinaram o que é responsabilidade e a organização.

Se por um lado o secundário foi uma prova de fogo, por outro, posso genuinamente dizer que foi quem fez de mim que sou agora. Agora, sou uma estudante de Medicina no seu segundo ano de curso, na República Checa, que, graças a tudo o que aprendi na e com a Laura Ayres, é bem-sucedida – e que não pensa desistir tão cedo.

Um obrigado do tamanho do mundo aos professores que acreditam e *realmente* lutam por nós (em especial àqueles que me viram para lá das notas, que me viram enquanto pessoa e não uma simples aluna e que depositaram em mim uma confiança que não tenho maneira de descrever; é uma lista grande, com nomes como Ana Saavedra, Inês Aguiar e Walter Farias, passando por tantos, tantos outros), ao pessoal não docente que faz desta escola um sítio tão agradável de se estar e um obrigada em especial à Maria João, que foi, para mim, uma amiga e uma enorme fonte de apoio. Um obrigado do tamanho do mundo aos amigos que fiz e aos meus afi-lindos do EVA (que o secundário vos traga tanto quanto me trouxe a mim!).

Se o secundário foi a altura mais feliz da minha vida? De todo. Mas sei que sou muito mais feliz agora graças a tudo o que vivi antes.

Um obrigado do tamanho do mundo, ESLA.